**ESTÁGIO SUPERVISIONADO I: A GRAMÁTICA FUNCIONAL COMO MEIO DE APRENDIZAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Alyssa Kayne de Queiroz dos Santos Lima

Graduanda em Letras Língua Portuguesa (UERN); [alyssaqueiroz@hotmail.com](mailto:alyssaqueiroz@hotmail.com)

**Resumo:** Este artigo se propõe a analisar e relatar sobre o período de Estágio Supervisionado, apresentando e discutindo os resultados deste projeto. Dissertar sobre como uma parte dos professores usam a chamada teoria tradicional para o ensino da gramática, e o aluno acaba não obtendo nenhum tipo de expectativa no estudo da língua portuguesa. E a gramática funcional vem trazer uma abordagem prática, de maneira crítica e reflexiva, que fuja das regras e normas prontas, fazendo com que o aluno possa aprender de uma forma que insira o português no seu cotidiano e que o faça ter um estudo prazeroso de sua língua materna. Tem como principal objetivo reconhecer como a abordagem funcionalista é essencial para a sala de aula, e a importância para melhor interação e aprendizagem eficaz entre alunos e professores. Para embasar e dar maior fundamentação ao trabalho utilizamos o teórico Oliveira (2010) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998).

**Palavras-chave:** Funcional. Gramática. Professor. Aluno. Aprendizagem.

**INTRODUÇÃO**

O presente artigo tem o objetivo de relatar as observações e práticas vivenciadas na Escola Estadual Professora Maria Edilma de Freitas, no contexto do ensino fundamental II, práticas que resultaram da disciplina de Estágio Supervisionado I, do curso de Língua Portuguesa, do *Campus* Avançado Professora Maria Elisa de Albuquerque Maia, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Utilizamos como apoio teórico e ponto de partida para a delimitação desse trabalho, a leitura dos PCN’s e do livro “Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática”.

O professor ajuda a criar uma atmosfera afetiva (emocional e psicológica) positiva para facilitar o aprendizado dos seus alunos – isso significa que o professor não assume a atitude de falsa erudição, de arrogância, de sabe-tudo, que o leva a menosprezar os estudantes. (OLIVEIRA, 2010, p. 29)

Corroborando com esse pensamento, buscamos no nosso estágio apresentar de forma positiva a disciplina de Língua Portuguesa, utilizando meios diferenciados de ensino para facilitar a aprendizagem dos alunos, sempre preocupadas em assumir uma função e uma postura, não pautadas na superioridade, mas sim na igualdade, pois nós, enquanto futuras professoras, devemos estar sempre aptas a aprender juntamente com a turma.

A primeira parte deste trabalho consiste em apresentar os aspectos gerais envolvidos, bem como o material que foi utilizado, e como ocorreu a realização dessa atividade. Na segunda parte iremos detalhar os momentos vivenciados nas observações das aulas e de como foi a experiência da regência em sala de aula. Na síntese teórica, iremos analisar a abordagem entre a teoria e a prática de ensino em turmas de ensino fundamental II. Na análise, iremos explorar algumas atividades que trabalhamos em sala de aula, em turmas de 7°, 8° e 9° ano. E por fim, relatamos na conclusão, os resultados obtidos na experiência do Estágio Supervisionado I.

O trabalho nos possibilitou uma experiência prática de sala de aula, com aprendizados de suma importância para nossa formação acadêmica no curso de Letras, e também enquanto futuras professoras do ensino básico.

**ENSINO DE LÍNGUA MATERNA COM ABORDAGEM FUNCIONAL**

O ensino de língua materna nas escolas do nosso país é de suma importância para a formação de cidadãos críticos e reflexivos e que entendam de maneira eficaz a pluralidade de mecanismos que a língua nos permite utilizar nas nossas comunicações diárias e interações sociais de forma tão interessante que muitas vezes nem percebemos.

O fato é que todo professor de língua materna, deve trabalhar de forma que compartilhe conhecimento com seus alunos, não como mero reprodutor de informações, sem se importar com o aprendizado satisfatório dos estudantes, mas sim com uma perspectiva funcionalista, de trazer aspectos do cotidiano para que os alunos associem de maneira satisfatória aos conteúdos apresentados e entendam com mais facilidade a funcionalidade na prática daquilo que estão aprendendo, como nos mostra os PCN’s (1998, p. 22)

Ao professor cabe planejar, implementar e dirigir as atividades didáticas, com o objetivo de desencadear, apoiar e orientar o esforço de ação e reflexão do aluno, procurando garantir aprendizagem efetiva. Cabe também assumir o papel de informante e de interlocutor privilegiado, que tematiza aspectos prioritários em função das necessidades dos alunos e de suas possibilidades de aprendizagem.

Porém, apesar da expansão de estudos que visam uma abordagem mais didática e funcional das aulas de português, e mesmo com o apoio dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s) de Língua Portuguesa que serve para orientar o professor em suas práticas pedagógicas, muitos professores e escolas ainda recorrem ao ensino tradicional, especialmente quando se trata de estudos gramaticais, desfavorecendo o contato do aluno com o texto, meio esse eficaz no estudo de língua materna, e utilizando frases soltas que são muitas vezes incapazes de cumprir satisfatoriamente as necessidades textuais e discursivas dos estudantes, trazendo uma visão negativa da disciplina, ocasionando muitas decepções por parte do aluno, como nos mostra os PCN’s (1998, 23)

Nessa perspectiva, não é possível tomar como unidades básicas do processo de ensino as que decorrem de uma análise de estratos letras/fonemas, sílabas, palavras, sintagmas, frases que, descontextualizados, são normalmente tomados como exemplos de estudo gramatical e pouco têm a ver com a competência discursiva. Dentro desse marco, a unidade básica do ensino só pode ser o texto.

É necessário afirmar, porém, que o texto não deve ser visto como pretexto em sala de aula, fato esse que é visto com muita frequência em nossas escolas, como também em muitos livros didáticos. Trazer um texto em destaque para simplesmente retirar aspectos estritamente gramaticais sem nenhuma reflexão e posicionamento diante de tal, só mostra, mais uma vez, o ensino tradicionalista ainda empregado fortemente em nossas escolas.

Acreditamos que o ensino de gramática deve ser revisto por muitos profissionais da educação, pois da forma que muitas vezes é trabalhada reflete a falta de vontade dos alunos em estudar sua língua, e muitas vezes achar que “português é a disciplina mais chata”. Isso ocorre, provavelmente, pelo fato do aluno vê em outras disciplinas uma determinada relevância prática em suas abordagens, e muitas vezes na aula de Língua Portuguesa achar que deve somente decorar regras e normas para colocar na prova e conseguir passar de ano. Infelizmente essa tem sido realidade de muitos alunos e de muitos professores que ainda estão presos a esse velho método de ensino. É necessário quebrarmos essa ideia tradicional, como futuros profissionais do ensino de língua materna, e entender que o ensino da língua só será realmente eficaz quando trouxermos para ele a realidade cotidiano do aluno, a língua em uso e as práticas discursivas, como nos mostra os PCN’s (1998, p. 47)

No caso do ensino de Língua Portuguesa, considerar a condição afetiva, cognitiva e social do adolescente implica colocar a possibilidade de um fazer reflexivo, em que não apenas se opera concretamente com a linguagem, mas também se busca construir um saber sobre a língua e a linguagem e sobre os modos como as opiniões, valores e saberes são veiculados nos discursos orais e escritos.

Dessa maneira, é necessário pensar em um ensino de língua portuguesa mais didático e criativo, que relacione as experiências discursivas dos alunos com os conteúdos programáticos da disciplina, que retrate o texto de maneira crítica e reflexiva, fazendo com que a leitura e a produção textual sejam meios satisfatórios no ensino de língua.

É necessário também atentarmos para o fato de que muitas escolas e muitos livros didáticos ainda tratam o ensino de português com uma proposta multifacetada. O ensino de literatura é estudado separadamente do ensino de gramática, que é estudado separadamente do ensino de produção e interpretação textual. O fato é que não há lógica separar o ensino desses componentes, já que todos devem estar relacionados para o bom funcionamento e entendimentos das aulas de língua materna, de forma contextualizada com a realidade do aluno.

Os PCN’s (1998, p. 23) nos mostram a necessidade de reorganização do ensino de português nas nossas escolas, pois o ensino tradicional ocasionou quase nenhuma aprendizagem satisfatória por parte dos estudantes, nem por parte dos próprios professores, já que esse deve construir conhecimento junto com os próprios alunos em sala de aula. É necessário buscarmos meios de formar cidadãos críticos, reflexivos, leitores, capazes de compreender e desenvolver suas práticas discursivas em diversos meios sociais, de forma que consiga adequar o seu discurso em diferentes ocasiões, como nos mostra:

Um dos aspectos da competência discursiva é o sujeito ser capaz de utilizar a língua de modo variado, para produzir diferentes efeitos de sentido e adequar o texto a diferentes situações de interlocução oral e escrita. É o que aqui se chama de competência lingüística e estilística . Isso, por um lado, coloca em evidência as virtualidades das línguas humanas: o fato de que são instrumentos flexíveis que permitem referir o mundo de diferentes formas e perspectivas; por outro lado, adverte contra uma concepção de língua como sistema homogêneo, dominado ativa e passivamente por toda a comunidade que o utiliza. Sobre o desenvolvimento da competência discursiva, deve a escola organizar as atividades curriculares relativas ao ensino-aprendizagem da língua e da linguagem

Dessa maneira, cabe ao professor, com apoio da escola, buscar meios e práticas funcionalistas, que façam o aluno refletir sobre o conteúdo abordado, não apenas com o intuito de decorar listas e mais listas de regras e sim como meio reflexivo, utilizando-se do texto, não como pretexto para retirar aspectos gramaticais descontextualizados, mas como método que favorece o entendimento e relaciona as práticas discursivas e cotidianas dos alunos de língua portuguesa.

**OBSERVAÇÕES E REGÊNCIA EM SALA DE AULA**

A observação deu início no dia vinte e quatro de julho de dois mil e dezessete e percorreu até o dia sete de agosto de dois mil e dezessete, contabilizando um diagnóstico de 30 horas nas aulas de Língua Portuguesa do ensino fundamental II. A experiência aconteceu na Escola Estadual Professora Maria Edilma de Freitas, nas turmas de 7°, 8° e 9° ano, com as aulas sendo iniciadas as 13:00 e terminando as 17:30.

Nas observações do 7° ano podemos perceber grande intuito do professor ao promover atividades além do conteúdo didático, como visitas a biblioteca, propondo análises literárias e elaborações de poemas e crônicas. O professor também fez uso do livro didático com o assunto “sujeito e predicado”, explicou de modo que toda a turma pudesse entender sobre o assunto abordado, não deixando a cargo somente do que estava no livro. De modo geral, tinha grande desinteresse da parte da turma para as atividades propostas, em vários momentos o professor tinha que reclamar e colocar alunos para fora da sala, pois ficavam inquietos, e sem querer realizar a atividade proposta. Há quatro alunos na sala que não queriam realizar nenhuma atividade, somente atrapalhar as aulas, e se tornava inviável o controle total da sala pelo professor. Foi realizada uma avaliação pelo professor e constatamos que muitas respostas estavam sem nexo e não condiziam com a pergunta feita pelo professor, mostrando desinteresse da turma para com a avaliação (prova escrita), nota, considerada, ainda hoje em muitas realidades, a principal do bimestre.

A turma do 8° ano é bastante calma e participativa, interagindo sempre que possível com as atividades propostas pelo professor. Foi trabalhado gêneros textuais, e o professor fez uso de vários meios para chamar atenção dos alunos, como o uso de linguagem multimodal e atividades em círculo. A turma estava sempre disposta a aprender, como pode se ver no dia da avaliação, que diferentemente da turma anterior as respostas estavam coerentes e notava-se interesse por parte dos alunos.

Na observação realizada no 9° ano, o aluno gritou e desrespeitou o professor na frente de todos, inclusive com palavras de baixo calão, o professor expulsou da sala e só voltou a assistir aula com a presença do pai e da mãe na escola. Em outro momento, nesta sala, o professor trouxe reflexões sobre o ocorrido no dia anterior, mostrando imagens e vídeos no data show sobre “o que é ser professor?”. Foram trabalhados organizações e apresentações de poemas, e muitos alunos não queriam apresentar, mostrando total desinteresse da turma para a matéria de Língua Portuguesa, seja com qual assunto estivesse sendo trabalhado. A maioria da sala são alunos repetentes e não querem fazer atividade nem se valer nota.

Ao iniciarmos o período de regência, o professor nos passou uma lista com os assuntos que deveríamos trabalhar com os alunos em sala de aula, mas afirmando que deveríamos nos basear nas propostas do livro didático. Antes de iniciarmos os assuntos sugeridos pelo professor, iniciamos a regência, nas três turmas, com duas dinâmicas, que serviu para aproximar turma e estagiárias numa relação harmoniosa. Os alunos deveriam cumprimentar uns aos outros de diversas maneiras, facilitando o companheirismo entre todos, logo após foram convidados a participar de uma “viagem ao conhecimento”, onde cada um disse algo que queria levar consigo para a viagem e produziram um texto com todos as coisas descritas, proporcionando a amizade entre alunos e estagiárias, e despertando a criatividade dos estudantes na produção textual.

Logo após as dinâmicas, iniciamos os assuntos propriamente ditos. Trouxemos para o 7º ano, o estudo do sujeito e do predicado e acentuação de ditongos e hiatos. Durante a ministração das aulas, buscamos trabalhar de maneira diferente, enfatizando a leitura de textos e levando objetos concretos para a explicação de ditongos e hiatos, o mesmo ocorreu na explanação do conteúdo sobre sujeito e predicado, o que facilitou o entendimento dos alunos e prendeu a atenção deles para a explanação dos conteúdos.

No 8º ano, por possuir alunos mais interessados e ativos nas atividades escolares, conseguimos executar melhor os planos de aula. Trabalhamos o gênero crônica de forma que os alunos refletiram bastante sobre o assunto, apresentaram opiniões críticas e reflexivas de acordo com a função do gênero. Trouxemos, também, a explanação do conteúdo “predicativo do sujeito”, sendo essa uma das aulas mais participativas na realização do nosso estágio, buscamos trazer de forma funcional aspectos do cotidiano do aluno para ingressarmos no entendimento do termo em questão, os alunos puderam atribuir características aos seus colegas e depois observar charges que traziam a temática em foco. Também apresentamos o gênero biografia e autobiografia, no qual os alunos puderam ter contato direto com esses gêneros e entender como eles funcionam.

No 9º ano foi um pouco dificultoso, pois os alunos não tinham vontade de realizar as tarefas, o que nos desestimulava, muitas vezes. Mas isso também nos desafiava a promover formas de chamar a atenção dos alunos em atividades cada vez mais interativas. Os assuntos empregados foram: orações coordenadas e seus tipos; figuras de linguagem; aposto e vocativo, no qual buscamos apresentar os assuntos de maneira didática, com a execução de músicas, reflexão sobre o conteúdo, etc. Embora buscássemos trabalhar de maneira satisfatória, muitas vezes o plano de aula não era inteiramente aplicado com eficácia, o que nos deixava um pouco tristes, mas mesmo assim persistimos.

**RESULTADOS DA ABORDAGEM FUNCIONALISTA**

O estágio foi de suma importância para nossa formação, pois é através dessa experiência que conseguimos vivenciar a profissão da melhor maneira, saber como lidar com um aluno, ter domínio de sala, descobrir como colocamos toda a teoria aprendida na graduação em prática e vários outros fatores fundamentais de nossa futura profissão.

Contudo, os cursos de licenciatura em letras visam à formação de professores; logo, nesses cursos, abordar uma teoria sem fazer conexão entre ela e a prática docente é condenável, levando muitos estudantes a se perguntarem: “Pra que é que a gente tem que estudar isso? Ninguém merece!” E eles estão certos. Afinal, de que adianta ao futuro professor estudar, por exemplo, a teoria X-barra, teorias da literatura e postulados da semântica formal sem que se faça qualquer articulação com o ensino de português? (OLIVEIRA, 2010, p. 23)

Gostamos de ter o mesmo pensamento em sala de aula, como vou passar apenas teoria ao meu aluno e não articular com nada a vivência prática dele? Por pensar nisso, e refletir sobre esse assunto, chegamos à conclusão que levaríamos para aula planos que fizessem refletir e incentivar a aprendizagem dos alunos, incentivando os alunos a ter gosto/compreensão pelos estudos e pela língua portuguesa, conduzindo escrita, oralidade e leitura de forma prática em suas vidas. Levando em conta os autores e teóricos utilizados nesse relatório como de grande importância para nossa trajetória de estágio.

Planejamos as atividades levando em conta o pensamento crítico e reflexivo de cada um dos alunos, levando cada um a perceber a importância da língua portuguesa em nossas vidas, de como tudo está atrelado ao nosso dia a dia, e de como percebemos a gramática, a literatura, os gêneros textuais na nossa fala, nas nossas conversas, nas nossas atividades cotidianas, mesmo sem percebemos. Com esse pensamento, iremos focalizar o estudo da gramática nessa seção, e de como utilizamos vários tipos de atividade em sala de aula, demonstrando de maneira prática e funcional como se estrutura e se molda cada uma de suas características.

“Ensinar é o ato de facilitar o aprendizado dos estudantes, o que significa que o professor precisa realizar ações concretas resultantes de um planejamento que pressupõe alguns princípios teóricos. Ensinar requer um método.” (OLIVEIRA, 2010, p. 30) Com base nessa facilitação da aprendizagem, levamos para a sala de aula atividades diversas, como:

Orações coordenadas: Focalizamos o estudo com base no que vivenciavam no seu dia a dia, colocando os alunos lado a lado, demonstrando que o fato de estarem naquele formato se tratava de uma coordenação. Utilizamos jogos para denominarem cada nome de oração coordenada a sua determinada frase.

Predicativo do Sujeito: Dividimos os alunos em grupos, solicitamos que dessem uma característica ao seu colega, com a ajuda de balões. Logo depois, pedimos para escreverem no quadro o nome do colega e sua respectiva característica, e se todos concordavam, e assim ensinamos o que seria o predicativo do sujeito, numa simples frase usada pelos alunos em seu dia a dia.

Acentuação de Ditongos e Hiatos: Utilizamos diversos objetos para proporcionar a curiosidade e atenção dos alunos, e começamos a soletrar as palavras e identificar a sílaba tônica de cada uma. Com isso, os alunos aprenderam de forma funcional, que cada um dos objetos apresentados possuía acento, e se eram uma palavra caracterizada como Ditongo ou Hiato.

De modo geral, o que pudemos perceber é que através da forma funcionalista de ensino, os alunos conseguiram aprender de melhor forma, com aulas interativas e dinâmicas, despertando a curiosidade de cada um deles para o assunto abordado, conseguindo compreender o assunto, onde percebemos nas atividades que foram feitas. A importância do modo prático antes da teoria foi de suma importância para o sucesso de cada um dos planos de aula desenvolvidos e realizados. O mais importante é que como futuras professoras não nos intimidem ao realizar atividades e explorar o aluno ao máximo, ajudando-o a desenvolver aspectos de aprendizado da língua portuguesa de maneira prática.

**CONCLUSÃO**

O nosso primeiro contato com a sala de aula nos fez refletir muito sobre a forma como devemos e podemos ensinar Língua Portuguesa, como também nos permitiu muitos aprendizados que com certeza levaremos conosco para nossas futuras práticas. Nos fez perceber que o ensino de língua materna vai muito além da reprodução de regras gramaticas soltas e descontextualizadas, mas requer um amplo cuidado e planejamento para que possa surtir o efeito tão esperado em nossos alunos.

Como sabemos, o professor de português deve planejar suas aulas pensando sempre nas necessidades e na realidade de cada aluno, sendo um dos grandes responsáveis para o desenvolvimento reflexivo, crítico, social e pessoal dos seus alunos, trabalhando de forma adequada questões como leitura e escrita de textos e a oralidade.

A disciplina de Orientação e Estágio Supervisionado I é de suma importância na formação de professores, pois nos faz ter contato direto com a sala de aula de maneira que podemos relacionar a nossa aprendizagem acadêmica na prática da sala de aula, nos tornando cada vez mais profissionais melhores. Portanto, esperamos ter contribuído para a educação dos nossos alunos, de forma que possam aplicar os conhecimentos adquiridos em diversas áreas de suas vidas.

**REFERÊNCIAS**

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental**.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

OLIVEIRA, A, L. **Coisas que todo professor de português precisa saber:** a teoria na prática. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.